

## DIÁLOGOS FEMINISTAS SOBRE *FAKE NEWS*, DISCURSOS DE ÓDIO E POLÍTICA DO CANCELAMENTO<sup>1</sup>

D'ÁVILA, Manuela. **E se fosse você?** sobrevivendo às redes de ódio e fake news. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2020.

**Maria Cecilia Takayama Koerich<sup>2</sup>**

Para Anna Cristina Brisola e Nathália Lima Romeiro (2018), a informação tem se proliferado e circulado em quantidade e velocidade extraordinárias na contemporaneidade, o que, muitas vezes, dificulta o entendimento sobre quais informações podem ser reconhecidas enquanto um discurso correspondente a fatos e quais são *fake news*.

Nessa perspectiva, há uma necessidade e uma urgência em produzir e exibir notícias no tempo presente, principalmente nas mídias digitais. É nesse contexto que o livro *E se fosse você? sobrevivendo às redes de ódio e fake news* (D'ÁVILA, 2020) se insere.

A obra não ficcional, produzida pelo instituto E se fosse você, foi lançada em 2020 e está em sua primeira edição. Nela são apresentados temas como mulheres na política, a disseminação de *fake news*, discursos de ódio, redes sociais e memes da internet.

A autora, Manuela Pinto Vieira d'Ávila, foi candidata a vice-presidente da República em 2018, pela aliança entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Em 2020, concorreu à prefeitura de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, ficando em segundo lugar, com uma campanha marcada pelas *fake news*. Jornalista, formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), possui quatro livros publicados: três deles de sua autoria e um como organizadora. *Revolução Laura*, lançado em 2019 pela editora Belas Letras, tem como tema principal a sua experiência com a maternidade; *Por que lutamos? um livro*



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição- NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. E-mail: ceciliatakay@gmail.com. Orcid: 0000-0001-6450-1822

sobre amor e liberdade, lançado no mesmo ano pela editora Planeta, aborda o tema do feminismo; *E se fosse você? sobrevivendo às redes de ódio e fake news*, lançado em 2020; e como organizadora do *Sempre foi sobre nós: relatos de violência política de gênero*, lançado em 2021, também publicado pelo instituto E se fosse você. Vale destacar ainda que Manuela d'Ávila exerceu cargos políticos: vereadora de Porto Alegre em 2004, deputada federal de 2007 a 2015 e deputada estadual de 2015 a 2019.

Motivada por sua vivência enquanto alvo de inúmeros discursos falsos, durante a sua candidatura à vice-presidência da República, Manuela d'Ávila escreveu *E se fosse você? sobrevivendo às redes de ódio e fake news*. De forma coloquial, são trazidas ao debate questões complexas como pós-verdade, política do cancelamento, misoginia, preconceitos, entre outros temas sensíveis. Por meio de imagens – memes, fotos e *prints* – são explicitados os discursos de ódio e de desinformação que circularam nas mídias digitais, o que amplifica a possibilidade de diálogo sobre essas questões, pois exemplifica os mecanismos discursivos utilizados na produção das *fake news*. Com um sumário contendo 21 capítulos, todos sucintos, a obra convida à interlocução. A pergunta que o intitula é reiterada ao longo de todo o texto como um chamado à empatia e à alteridade: *E se fosse você?*

Um fragmento de *Como la cigarra*, poema da artista argentina María Elena Walsh, inicia o texto de Manuela d'Ávila. Fala de forma metafórica das muitas vezes que a mataram, ou assim tentaram fazer, ao produzirem e divulgarem notícias falsas a seu respeito, mas, como no poema, a autora segue ressuscitando e sobrevivendo ao discurso de ódio e às *fake news*. Manuela se coloca como uma sobrevivente e busca, nessa obra, revelar a dimensão violadora de direitos humanos ofertada pelas notícias falsas, problematizando questões como liberdade de expressão e discursos preconceituosos revestidos de ironia. D'Ávila fala da sua condição de fragilidade diante de um sistema discursivo dissimulado, mas fortemente elaborado e astucioso. O prefácio *Manuela, você não está exagerando?*, feito por Felipe Neto, *youtuber* brasileiro popular entre os jovens e também vítima de *fake news*, demonstra o interesse em contemplar um público mais amplo do que o acadêmico e/ou intelectual e dos movimentos sociais organizados. Sabe-se que não é a primeira vez que Manuela d'Ávila tem um prefácio assinado por uma figura pública. Em seu livro *Por que lutamos?*, Maria Ribeiro, atriz que também é popular entre os jovens, executou essa tarefa.

Na introdução do livro *E se fosse você? sobrevivendo às redes de ódio e fake news*, a autora fala sobre como é viver cotidianamente sob a régia

das *fake news*. Sentimentos como vergonha, dor e medo são constantes. Ao afirmar, no prelúdio do primeiro capítulo, que suas batalhas são de ideias e não de armas (D'ÁVILA, 2020), Manuela d'Ávila problematiza uma das muitas notícias fraudulentas em que sua imagem é associada a práticas de violência, ocasionando o entendimento do conceito de pós-verdade.

Para entender melhor, o dicionário Oxford diz que pós-verdade é “um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais” (POST-TRUTH, 2021, tradução nossa). Considerando a pós-verdade como algo que não se fundamenta em fatos e em contextos históricos, ela foi escolhida como a palavra do ano em 2016 pelo referido dicionário. Sua potencialidade seria capaz de embaralhar as disputas narrativas dos acontecimentos históricos ao ponto de estabelecer uma ideia de verdade baseada em motivações de caráter subjetivo, contribuindo para a constituição de um parecer público.

Em paralelo a esse debate, Manuela d'Ávila traz outro conceito interessante: as chamadas *fake news*. Determinados sujeitos se utilizam de informações falsas ou descontextualizadas para promover a pós-verdade, uma vez que, diante de um contexto fraudulento, apelos emocionais ou de cunho pessoal importam mais do que propriamente a veracidade do fato noticiado. Cabe destacar que *fake news* e pós-verdade não são sinônimos, mesmo possuindo efeitos semelhantes no público em geral e podendo estar articuladas deliberadamente.

Ferreira Filho (2018, p. 79) afirma que

*Fake news* são afirmações que têm a forma de notícia, mas de conteúdo completa ou parcialmente falso, outrora irresistíveis à evidência, orientadas por motivação política e intencionalmente fabricadas para desinformar ou enganar a fim de manipular a opinião pública. (FERREIRA FILHO, 2018, p. 79).

Lins e Silva (2017 apud D'ÁVILA, 2020) consideram que as informações fraudulentas possuem um caráter intencional, assim como objetivos a serem alcançados e fins específicos. As *fake news*, nesse entendimento, possuem intencionalidade em promover desinformação e, nos casos apresentados nessa obra, disseminação de ódio.

Deve-se atentar para o fato de que as notícias falsas sempre circularam nos discursos sociais, principalmente no espaço da imprensa. Porém, na contemporaneidade, o modo de produzir e disseminar *fake news*

destaca-se pelo uso dos recursos midiáticos, por meio da internet e do seu expressivo impacto social.

Nos capítulos *Até onde o ódio pode chegar*, *Racismo e fake news* e *Mulheres santas versus mulheres feministas: o ódio às mulheres como fio condutor das notícias fraudulentas*, são citados outros casos de pessoas que foram alvos de *fake news*, como Lola Aronovich, a deputada Maria do Rosário, Jean Wyllys e Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro que sofreu uma execução política em 2018 (PETRONE, 2021). Cabe destaque para o que há em comum entre esses sujeitos que tiveram suas vidas impactadas por *fake news*: os exemplos mencionados são de pessoas que ocupam lugares de poder e de decisão e assumem uma postura de enfrentamento a discursos preconceituosos, machistas e neoliberais. Seja enquanto professora universitária ou agente político, aqueles que assumem pautas feministas, que lutam pela garantia de acesso a direitos sexuais e reprodutivos, que buscam combater as desigualdades sociais e apoiam o reconhecimento da diversidade sexual e a laicidade do Estado, assim como outras pautas progressistas, estão mais suscetíveis à produção de notícias fraudulentas: “Pensar em *fake news* é necessariamente pensar nos preconceitos que estruturam a sociedade, que no caso do Brasil, além do racismo e LGBTfobia, é pensar em machismo e misoginia” (D’ÁVILA, 2020, p. 66). Isso contribui para refletirmos sobre quem são os sujeitos legitimados historicamente a ocuparem os espaços políticos do nosso país? Por que determinados corpos/performances encontram tanta dificuldade para existirem nesse lócus de poder e quando acessam determinados cargos e posições sociais são alvos de inúmeras violências?

Rita Laura Segato (2012, p. 108) diz que “[...] testemunhamos hoje um momento de tenebrosas e cruéis inovações na forma de vitimar os corpos femininos e feminizados, uma crueldade que se difunde e se expande sem contenção”. Desse modo, consideramos a utilização de *fake news* nas plataformas digitais como um dispositivo contemporâneo e estratégico de atacar mulheres, corpos/performances feminizados ou até mesmo aqueles que assumem uma postura feminista. As *fake news*, nesse sentido, reconfiguram a violência de gênero levando para a dimensão midiática discursos fraudulentos que ganham proporções inventivas e violadoras. Além disso, estimulam práticas de violência que ultrapassam o ambiente virtual.

Como mencionado anteriormente, as *fake news* não são práticas discursivas historicamente recentes. Elas fazem parte da história da humanidade,

porém, diante dos avanços tecnológicos e do seu impacto em nossas vidas, as *fake news* redimensionam e amplificam os sentidos do que noticiam. Dessa maneira, as *fake news* são dispositivos que atuam com o objetivo de atingir corpos/performances que desafiam a determinação estrutural dos espaços sociais estabelecidos pelo patriarcado. Como propõe Birolì:

Os muros que delimitam a participação política feminina são feitos, também, dos estereótipos femininos negativos e a violência física e simbólica que constringe e pune aquelas que “ousam” participar dos espaços tradicionalmente masculinos do exercício político. (BIROLÌ, 2018, p. 210).

Seguindo na sua premissa, Manuela d’Ávila problematiza também o uso da fé pelas *fake news*, a pedofilia enquanto notícia fraudulenta mais recorrente, a cadeia produtiva de informações falsas, os gabinetes de ódio espalhados pelo Brasil e a política do cancelamento.

Ao abordar essas questões, Manuela destaca a importância da religiosidade em nossas vidas. De acordo com a autora, associar informações falsas ou descontextualizadas que, de certa maneira, afrontam a inclinação religiosa de determinados coletivos é uma estratégia muito utilizada na produção de *fake news*.

A pedofilia também é explicitada como um elemento frequente em discursos fraudulentos. Manuela d’Ávila lembra que Felipe Neto, Jean Wyllys e Maria do Rosário foram alvos de *fake news* que os conectavam à pedofilia. Nesse sentido, as *fake news* buscam promover um terror ou pânico moral entre os sujeitos que compartilham e acessam essas notícias (MISKOLCI, 2007).

Ademais, a utilização de robôs ou *bots* pela indústria das *fake news* é apresentada pela autora como uma possibilidade a ser considerada. Por meio de programas específicos são realizadas ações repetitivas em que determinados conteúdos são publicados nas mídias digitais. Isso implica manter um discurso em constante exposição, propagando sua narrativa, mesmo que fraudulenta. Outro elemento mencionado é o acesso a informações pessoais que as empresas de mídias digitais possuem sobre seu público. Assim, propagandas, informações e notícias são estrategicamente apresentadas para dialogar com determinado perfil, o que sugere a possibilidade de se identificar quais *fake news* possuem mais chance de impactar o público-alvo.

Caminhando para a finalização do livro, Manuela d’Ávila problematiza a existência dos “gabinetes de ódio” espalhados por todo território nacional, responsáveis pela criação e desenvolvimento das *fake news*. Ao explicitar

a existência de um lócus responsável pela produção de notícias falsas, a autora evidencia uma estrutura produtiva a seu respeito, que é mantida por recursos financeiros e políticos. Da mesma forma, ela faz um alerta para a necessidade de diferenciação entre aqueles que intencionalmente promovem as *fake news* e aqueles que compartilham de forma despretenhosa, acreditando realmente na veracidade da informação acessada.

A política do cancelamento é apresentada pela autora como rompimento ou interrupção de apoio a determinado sujeito, empresa ou instituição, por sua postura ou modo de agir que pode ser considerado inadequado. Para ela, a política do cancelamento é tão nefasta quanto as *fake news*. D'Ávila reforça a necessidade do diálogo enquanto meio capaz de promover o esclarecimento das informações fraudulentas e de possibilidade de transformação social. Assim, acolher de forma generosa e gentil as dúvidas e a desinformação daqueles que são cooptados pela indústria de *fake news* é urgente.

Vale lembrar que Chimamanda Ngozi Adichie (2017) já nos alertava sobre o perigo de uma história única que assuma o espaço-tempo universal e monolítico que, ao ser narrada, desconsidere todas as outras histórias possíveis. Podemos dizer que Manuela d'Ávila tenciona esse debate ao problematizar as *fake news* na elaboração de uma história que se coloca como única e torna-se uma pós-verdade, o que nos faz pensar sobre o impacto da história em nossas vidas e da necessidade de constante atenção para entender o engendramento das narrativas que chegam até nós, pois não há neutralidade política diante da elaboração de notícias e da produção de discursos históricos.

## Referências

ADICHIE, C. N. O perigo de uma história única. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais**, Governador Valadares, 9 mai. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3GGza9i>. Acesso em: 22 abr. 2021.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRISOLA, A. C.; ROMEIRO, N. L. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade.

**Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 68-87, 2018.

D'ÁVILA, M. **E se fosse você?** sobrevivendo às redes de ódio e fake news. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2020.

FERREIRA FILHO, J. B. A verdade sob suspeita: fake news e a conduta epistêmica na política da desinformação. **Academia**, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3fwxjrB>. Acesso em: 17 jan. 2022.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 101-128, 2007.

PETRONE, T. Até que todo corpo de mulher seja livre. In: D'ÁVILA, M. (org.). **Sempre foi sobre nós**: relatos de violência política de gênero no Brasil. 1. ed. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você, 2021. p. 195-208.

POST-TRUTH. In: **Oxford Lexico**. Oxford: Oxford University Press, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3KcqqpA>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SEGATO, R. L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos CES**, Coimbra, n. 18, p. 106-131, 2012.

Recebido em junho de 2021.

Aprovado em outubro de 2021.